

Penhora poética

Abel Sidney

Não temos letras de câmbio
Dólar, euro ou mesmo real
E se assinamos letras promissórias
(que promete não sei exatamente o quê)
É por imitação do ato de autografar
Pois mal sabemos das implicações
Que estas letras de trocas e de promessas
Possam nos acarretar...

Sei que ao assinar estes documentos
Tal ato, legalmente expresso em claro texto
Pode nos levar ao que se chama de “protesto”...

E não é um “ato de protesto” dos que reivindicam
Mas é constrangimento – nos obrigando a pagar
Mesmo que nada tenhamos com o que resgatar

Enfim, o assunto é difícil de tratar
Por isso as pobres rimas a atestar
O que tenho acabado de expressar

Proponho, sem conhecimento de causa
Num só fôlego, sem pausa, com pressa:
Penhoremos nossos poemas,
Nossas crônicas, ensaios

E tudo o que mais pudermos
Bem alto pendurar

Se a penhora é intervalo, um ato de suspensão
Até que um dia alguém nos avise
Que temos “algo a acertar”
Penhoremos também nossos suspiros,
Certas ansiedades, sonhos, as fantasias
Alguns gramas de loucura
Ou de lúcida e terna alegria
Pois que a nós poetas
Só nos resta mesmo isso:
Tecer sem cessar na roca da paciência
Os fios da esperança
De que um dia arranquemos do penhor
Nossas tão raras jóias –
Aquele soneto já quase esquecido
Uma crônica escrita às pressas, mal polida
O testamento poético inacabado ou
Ainda aquele retrato esboçado em breves traços:
Traços do sofrimento de uma vida bem vivida.

Obra original disponível em:
<http://www.overmundo.com.br/banco/penhora-poetica>